

DUAS DE LETRA

GRUPO DE LEITORES DA BIBLIOTECA

FACULDADE DE PSICOLOGIA | INSTITUTO DE EDUCAÇÃO

UNIVERSIDADE DE LISBOA

Setembro/outubro 2021

GUIA DE LEITURA

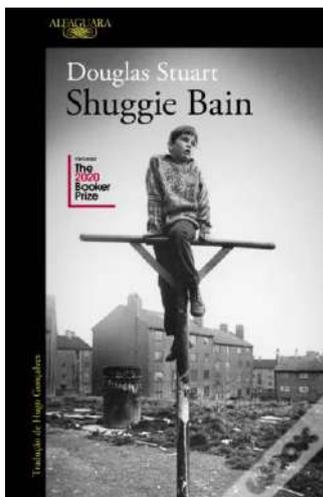
**Shuggie Bain – Douglas Stuart**



## DOUGLAS STUART

**Biografia:** Douglas Stuart nasceu e cresceu em Glasgow, na Escócia. Estudou no Royal College of Art em Londres. Em 2000, mudou-se para Nova Iorque, onde começou uma carreira na área do design de moda. Tem escrito ficção e ensaio em publicações como a *New Yorker* e a *Literary Hub*. Com *Shuggie Bain*, o seu primeiro romance, que escreveu ao longo de dez anos, arrecadou, em 2020, o Man Booker Prize, um dos mais

importantes prémios literários de língua inglesa, e foi eleito Livro do Ano nos British Book Awards, além de ter sido finalista de muitos outros prémios de prestígio.



### Sinopse de *Shuggie Bain*:

*1981, Glasgow. A outrora próspera cidade mineira sufoca sob o jugo férreo das políticas de Margaret Thatcher, lançando milhares de famílias para a miséria. A epidemia do álcool e das drogas aproveita para capturar os mais vulneráveis. Agnes Bain esperava mais da vida. Sonha com uma casa só sua e folheia catálogos de compras a crédito, na vã tentativa de alegrar a existência precária a que fica condenada quando o marido, um taxista mulherengo, a abandona, sem emprego e com três filhos. Com cabelos negros sedosos e ondulados, maquilhagem esmerada e dentes falsos perfeitos, parece a Elizabeth Taylor de Glasgow, mas, por baixo da aparência orgulhosa, as malhas do vício enredam Agnes, que mês após mês gasta o abono de família em latas*

*de cerveja e maços de tabaco. Os filhos fazem o melhor que podem para cuidar de si e da mãe, mas, um a um, vêem-se obrigados a abandonar a casa materna, para tentar pelo menos salvar-se. Fica Shuggie, o mais novo, que adora a mãe e não perde a esperança de a salvar. Mas, aos oito anos, o rapaz tem a sua própria luta pessoal para travar: delicado, sensível, comporta-se como um príncipe e destoa da dureza da escola e das ruas devassadas pela pobreza. Anseia apenas ser normal e encaixar, mas é o último a perceber que carrega um segredo e nunca poderá ser igual aos outros. Com ecos de autores como Frank McCourt, D. H. Lawrence e James Joyce, *Shuggie Bain* é um magnífico romance de estreia de um autor que tem uma história importante para contar, inspirada na sua própria. Uma história dilacerante de dependência, carência e afeto, um retrato épico de uma cidade, um quadro íntimo de uma família destruída e, sobretudo, uma extraordinária história de amor.*

O livro vencedor do Booker Prize em 2020, 'Shuggie Bain' de Douglas Stuart, conta uma história de superação, descreve em detalhe o quotidiano de um rapaz educado por uma mãe alcoólica. Romance inesquecível sobre a realidade de crescer pobre num meio completamente hostil, onde os gays não são aceites. Encontro com o autor.

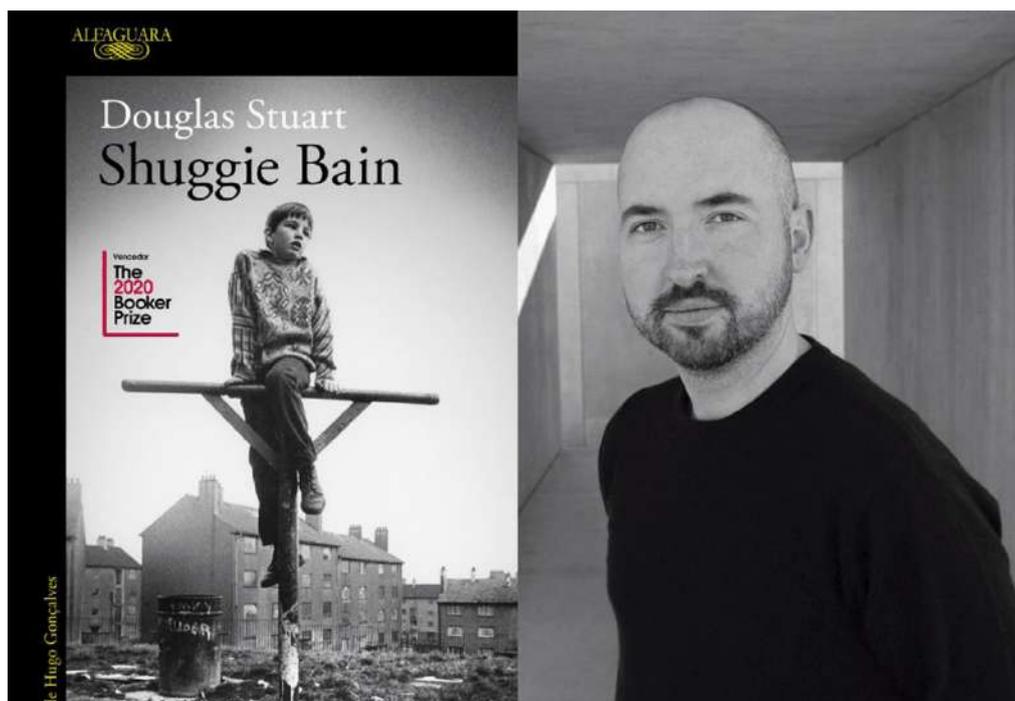


Foto: Clive Smith

Revista Máxima

22 DE SETEMBRO DE 2021 | Tiago Manaia

O céu de Lisboa está cinzento. No dia em que conhecemos **Douglas Stuart**, as nuvens têm humores parecidos com o tempo de Glasgow, onde decorre a ação de **Shuggie Bain**. Romance de 500 páginas que nos deixa completamente mergulhados na realidade dos **anos 80**, num bairro mineiro da **Escócia**. No quotidiano e na falta de trabalho, imperam as **políticas de austeridade de Margaret Thatcher**. Shuggie é um rapaz especial, percebemos logo nas primeiras páginas. O livro começa por descrever o mundo familiar à sua volta, num envolvimento que em nada poupa o leitor, revelando-se absolutamente eficaz — a personagem do jovem Shuggie viverá em nós para sempre. A sua mãe, uma bela mulher parecida com **Elizabeth Taylor**, tenta educar os três filhos, fingindo a miséria com álcool enquanto recebe golpes dos homens por quem se vai apaixonando. Quem ficará ao seu lado enquanto a vida se desfaz?

Douglas Stuart está sentado numa sala vazia, nos escritórios da sua editora, a Penguin Livros, em Lisboa, prepara-se para começar **um périplo e deverá viajar**

**nos próximos dias para as principais livrarias da Europa.** Há um fenômeno crescente à volta do seu livro, recebeu o Booker Prize durante a pandemia, até agora só tinha conhecido a notoriedade de forma virtual. De entusiasmo sereno, fala num tom doce, nunca levanta a voz.



A canção de Whitney Houston torna-se um pretexto para Shuggie Bain alcançar a liberdade. Foto: Getty Images

*Shuggie Bain* é o seu romance de estreia, aos **45 anos**, até aqui a sua vida foi dedicada a uma carreira na Moda. Douglas trabalhou para marcas como a **Calvin Klein ou a Ralph Lauren**, o design de luxo nada tinha a ver com a realidade da sua infância em Glasgow, "só nos últimos anos senti que tudo fazia sentido, ao desenhar para marcas como a Banana Republic ou a Gap porque as pessoas podiam comprar as roupas que criava, não eram peças de preço exorbitante", diz-nos.

A pobreza que o seu livro descreve marca os encontros com os jornalistas pelo mundo fora, alguns artigos sobre *Shuggie Bain* acabam por deixar de lado todas as questões relativamente à homofobia, que é central na história deste rapaz. Shuggie é agredido com frequência por não ser viril como a sociedade quer que seja.

Douglas Stuart mexe em várias **feridas**. Quisemos também falar com ele sobre mulheres inspiradoras, evocando a arte.

### **Podemos começar a entrevista a falar da Whitney Houston?**

(Douglas Stuart começa a rir-se)

**Sem revelar muito do livro... Há um momento, apesar da carga dramática de toda a história, em que percebemos haver um sentimento de esperança inabalável dentro deste miúdo, o Shuggie Bain. Há algo horrível que está prestes a acontecer-lhe e ele canta o de *Greatest Love of All* da Whitney Houston. A letra diz, "eles não me vão tirar a dignidade". Que camadas estão presentes nesta escolha musical?**

Pensei muito nessa canção. Nesse momento do livro o Shuggie está imerso num pântano, a ser sugado. Eu sabia que ele faria algo como um canto de cisne. Algo inesperado. O Shuggie é a esperança para o futuro no livro. Às vezes os nossos pais têm uma vida má, e acabam por se afundar em algum tipo de adição e vício, ou são pobres. Mas todos os pais esperam algo de melhor para os filhos. O livro chama-se *Shuggie Bain* porque ele é o fragmento de esperança que sai de dentro da mãe, Agnes, que é alcoólica. A canção da Whitney surgiu-me de imediato, porque como ela diz na letra, "as crianças são o futuro". E muito do que acontece no livro é um questionamento do que é ser normal.

A Agnes passa por isso, é ostracizada, por ser brilhante e mais extravagante que as mulheres à sua volta. E o Shuggie também conhece esse lado. Ele é extremamente solitário. Só que as pessoas continuam a pedir a ambos para se safarem, querem que sejam como todos os outros. A Agnes continua sempre a voltar à vida com orgulho, há outra cena em que ela ensina o Shuggie a dançar ...

**Ela diz ao filho para continuar a dançar à frente dos outros miúdos que gozam com ele ...**

Sim. Naqueles anos a noção de orgulho gay não existia. Mesmo as pessoas que gostavam de ti, não tinham ferramentas para te dizer: "vais ficar bem, a vida vai fluir, vais encontrar amor, vais ser feliz". Sobretudo quando fazias parte da classe operária. Portanto a canção de Whitney Houston torna-se um pretexto para ele alcançar a liberdade. E esta canção era muito importante para mim, porque no livro há tanta coisa sobre a dignidade e o amor-próprio. E sabes, a vergonha e o orgulho são sentimentos que podem existir lado a lado.

**Quando se cresce num meio desfavorecido, estas cantoras representam a luz ao fundo de um túnel sem fim? São um sinal de esperança? Na tua infância foram elas que te ligaram ao mundo das artes?**

A 100% sim. Quando eu era miúdo não havia qualquer tipo de Arte na televisão. Não via muitas peças de teatro ou pintura. Mas tinhas música pop...Eu cresci numa comunidade que não lia, não haviam livros em minha casa, era normal naquela época. Não tínhamos dinheiro para comprar livros, e também não nos sentíamos representados nas histórias que se contavam na literatura. Isso não nos tornava miúdos menos empáticos, criativos ou queridos. Os livros só não faziam parte da nossa vida. Mas a música pop estava em todo o lado, era muito importante no quotidiano. O que compõe também muito a história do Shuggie é a falta de mobilidade por ser pobre. Ele e a mãe não conhecem muito mais do que as quatro ruas à volta do bairro onde vivem. Aquilo é o palco deles. E depois têm pequenos vislumbres através da música pop e sobretudo através de mulheres muito fortes. Funciona como um buraco de fechadura para o qual eles podem espreitar de vez em quando — vêem que existe um mundo diferente algures.

**No livro, a mãe Agnes, é descrita como sendo muito parecida com Elizabeth Taylor. E tanto ela como Whitney Houston tiveram grandes problemas de adição. O que torna estas mulheres tão fascinantes? São quase maiores que a própria vida, e ao mesmo tempo tão frágeis?**

Acho que é difícil ser uma mulher em qualquer lado. Mesmo que sejas uma mulher com sucesso, o mundo está sempre a julgar-te, ou contra ti. Quando eu era miúdo, foi a minha mãe que me introduziu à Elizabeth Taylor — e falo da minha mãe verdadeira e não da Agnes no livro. A minha mãe sofreu de dependência durante toda a minha infância, quando és uma criança, a crescer no meio disto passas a ser o cuidador. Para a proteger, aprendi esquemas sem fim, tentava simplesmente mantê-la feliz ou sóbria. E passei muito tempo com a minha mãe. Na altura não gostava muito, era algo que me tornava estranho e diferente dos outros rapazes. Agora em adulto agradeço ter tido essa intimidade. Quando a minha mãe estava sob o efeito do álcool, eu tornava-me mais um confidente, não tínhamos tanto uma relação de mãe e filho. Uma das coisas que ela fazia, era contar-me as histórias da vida dela, de como as suas relações amorosas foram falhadas... Coisas que tinham acontecido bem antes de eu ter nascido. Falava-me de amigos que a tinham traído e de uma quantidade de coisas que queria pôr cá fora. Só que ela contava isso a um miúdo de 7 anos. Ela pedia-me sempre para eu escrever o que me contava. Eu colaborava com ela, porque na verdade só queria que ela se focasse em mim, não queria que fosse para a rua criar caos ou magoar-se. Ela começava sempre a ditar-me as histórias da mesma maneira: "Para a Elizabeth Taylor que não sabia nada sobre o amor".



A mãe de Douglas Stuart ditava-lhe histórias e começava sempre da mesma maneira: “Para a Elizabeth Taylor que não sabia nada sobre o amor”.Foto: Getty Images

Nos ecrãs, Elizabeth Taylor, sempre desempenhou papéis de mulheres poderosas e com glamour, mas difíceis. Se pensares no filme *Reflexos Num Olho Dourado* (1967) ela chicoteava o marido. Na vida pessoal, teve sempre histórias de amor muito tumultuosas, afundou-se na adição. Sinto que a minha mãe tinha muitas afinidades com ela. A Elizabeth Taylor era celebrada por todas as coisas que mencionei, e a minha mãe por ser pobre, era difamada. Ela sentia alguma revolta por isso. É uma conversa que continua a fazer sentido agora — o que é aceitável fazeres quando és rico? O que podes fazer quando és pobre?

**Dizes em muitas entrevistas que este livro não é político. Tentas que as conversas não se foquem só naquilo que era a classe operária no Reino Unido, nos anos 80.**

**Mas se olharmos para o teu livro numa perspetiva de políticas de género ou direitos LGBTQ+ e *queer*, é impossível dizer que Shuggie Bain não é uma história política. Acabamos o livro com a perfeita noção de como é crescer numa sociedade machista, onde o futebol, por exemplo, está no centro de todas as questões. A masculinidade é tão tóxica que o Shuggie é obrigado a aprender a andar de forma masculina para não ser espancado na escola. O que aprendeste através do *bullying* que conheceste ao longo da tua vida?**

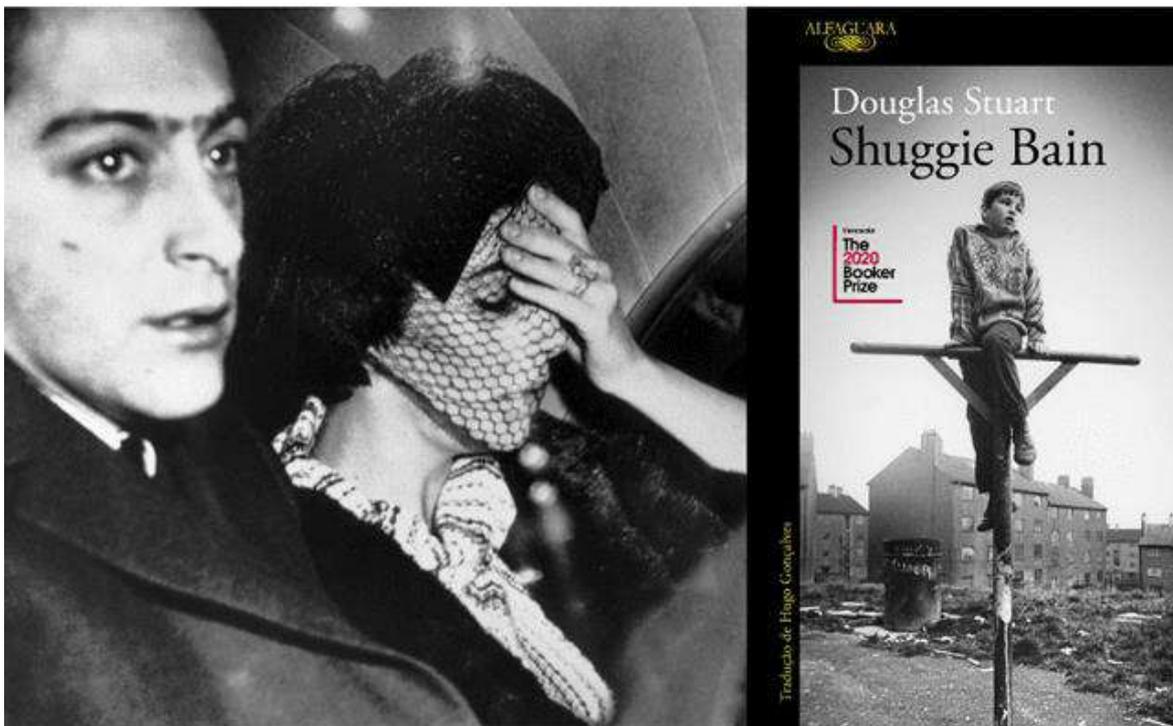
Enquanto ser humano, demorei muitos anos a gostar de mim. Uma das coisas mais tóxicas da homofobia, é que te faz acreditar, enquanto és jovem, que tudo o que tu és está errado e que deves tentar corrigir-te. Portanto durante a minha infância

tentava encontrar essas partes em mim, negava-as e mudava-as. O Shuggie como personagem nem tem desejo sexual, ele é só um miúdo. Não tem consciência do que faz, mas os outros reconhecem-no como alguém diferente. Eu queria que isso fosse o tema central no livro, queria que fosse muito direto, não queria que estivesse camuflado em ideais religiosos, como o céu e o inferno, ou cristianismo. Só queria que fosse sobre a masculinidade. O que havia de errado em ser assim? E no livro queria mostrar a solidão que existe num contexto homofóbico. Ele nunca chega a casa e diz aos irmãos o que as pessoas lhe fazem. Tem medo que todos o rejeitem.

**Ele acha que se não contar à família que é vítima de *bullying*, eles não vão ver quem ele realmente é?**

Sim porque a rejeição das pessoas à tua volta é tão absoluta, que também a tua família pode virar-se para ti e dizer — "sim tu és assim". E rejeitarem-te também.

Eu sempre tive medo de contar à minha família o que os outros miúdos me faziam. Foi uma existência muito solitária. A minha vida de adulto foi muito sobre tentar ultrapassar isto e ser feliz como sou. Aceitar-me. A autoaceitação é algo muito importante para as pessoas LGBTQ +.



Na vida pessoal, Elizabeth Taylor teve sempre histórias de amor muito tumultuosas, afundou-se na adição. Foto: Getty Images

**Quando tens leitores LGBTQ+ a reagir emocionados ao livro, ou a dizer-te que viveram as mesmas coisas, o que sentes? Agora estás a perceber que as pessoas se identificam com a tua história, as pessoas passaram pelo mesmo.**

Acho que estás a fazer a pergunta certa. Muitas vezes, quando tenho um jornalista heterossexual a falar comigo, ele só diz — "Meu Deus era difícil ser-se *queer* na Escócia, nos anos 80". E a minha resposta é sempre, acho que também não devia ser fácil em Portugal, ou em Nápoles ou em França. Era muito difícil ser-se *queer* nos anos 80. Talvez em Paris ou Londres fosse mais fácil. Eu sempre tive consciência que existiam vivências *queer* universais. As pessoas heterossexuais reagem surpreendidas ao que o livro conta, e esquecem-se que o mesmo acontecia nas cidades onde viviam, e se calhar até no contexto da própria família. Acho importante podermos conectar-nos através de histórias muito específicas, a um nível global. É bom para a comunidade LGBTQ+ poder perceber que existe um *network* onde as experiências podem ser partilhadas, isso é importante para uma reconstrução, certo?

Quando és um jovem gay, em geral, sentes-te extremamente sozinho. A sociedade quer que penses que és a única pessoa assim. O melhor que podemos fazer, enquanto adultos gay, é conectarmos uns com os outros, e ajudar miúdos que estão a crescer com este estigma. Portanto, sinto-me muito encorajado quando as pessoas se identificam com a história do Shuggie. As editoras que recusaram o livro antes de ser publicado diziam não ser uma história universal. Achavam demasiado específico, eu sempre soube que não era assim.

**Recentemente descreveste ao *The Times* o momento em que começaste a sair à noite, já no final da tua adolescência. Dizias que a tua irmã ficava muito admirada ao ver-te sair produzido. Quase como se fosse uma personagem diferente, como se houvesse duas pessoas em ti. E estou aqui a tentar fazer um paralelo entre o Douglas Stuart e o Shuggie Bain, que no final do livro começa a aceitar-se. Como foi o processo de aceitação da tua sexualidade?**

Isso foi por volta dos 17 ou 18. Foi só depois da minha mãe morrer, quando eu tinha 16 anos. Eu não conhecia o meu pai e nessa altura fiquei órfão e vivia num quarto alugado, um pouco como o Shuggie no começo do livro. De certa forma, tive liberdade, porque não tinha qualquer tipo de expectativa da parte dos meus pais. Mas só me aceitei quando fui estudar Moda para uma escola de têxteis perto da fronteira da Escócia.

**Dizes muitas vezes que Shuggie Bain não é um livro de memórias...**

Não, não é.

**É como uma projeção de coisas que viveste...**

Sim.

**Quando dizes que não são memórias, quem tentas proteger? A tua família?**

Estou só a tentar não mentir. Como homem queer que eu sou, sei que mentir é algo muito cansativo. Quando comecei a fazer a promoção do livro, os jornalistas perguntavam-me coisas sobre a história e eu dizia que era totalmente ficção. Senti-me esgotado, porque era uma mentira. **(Pausa).** **Eu** era tão pobre como ele, eu perdi a minha mãe, eu era queer e solitário como ele, e cresci no mesmo contexto. Depois, tento manter a narrativa dentro de linhas temáticas. São estes os paralelos que podemos fazer entre mim e o Shuggie. Mas não podemos olhar para o livro como se fosse uma narrativa da minha infância, seria enganador.



'Glasgow', de Raymond Dépardon, publicado pela editora Seuil. Imagens que inspiraram o escritor e refletem a realidade do livro. Foto: D.R

**Como foste viver para os EUA?**

Já me tinha mudado para Londres, onde acabei a minha licenciatura em Moda no Royal College of Art. As grandes marcas iam ter connosco, fosse a Gucci, a Burberry ou a Calvin Klein — estes últimos vieram ter comigo. A minha coleção de fim de

curso era inspirada nos Shakers, a comunidade religiosa. Portanto era quase monástico e o Calvin Klein na altura estava no ponto alto do minimalismo.

Perguntaram-me se queria ir trabalhar para Nova Iorque. Eu não tinha propriamente amarras no Reino Unido. Então fiz duas malas e fui. Foi duro, senti-me com um peixe fora de água durante três anos, tinha saudades de casa. Não é por escrever coisas menos positivas sobre Glasgow que a cidade deixa de ser um lugar de solidariedade e comunhão. Em Nova Iorque eles não querem saber dos teus sentimentos, ou fazes o trabalho bem ou vais para casa. Eu sempre amei Glasgow, a cidade é que não me amava. Escrever o *Shuggie Bain* foi uma tentativa de voltar a casa. E o motor da minha escrita veio muito das saudades que senti.

### **Durante todo esse período lias muito?**

Comecei a ler aos 17 anos, depois da minha mãe morrer. Os meus anos no liceu foram muito conturbados. Havia o *bullying* e a minha mãe estava doente com frequência. Há muitas coisas, como adulto, que ainda não sei hoje, se me falares de ciências por exemplo eu não vou perceber nada (Risos). Mas aos 17 anos, encontrei alguma paz no ambiente familiar. É preciso estar rodeado de calma para conseguir ler um livro. Os professores de inglês começaram a dar-me literatura, li coisas muito simples como Thomas Hardy. O Tennessee Williams também foi importante. Adoro o *Jardim Zoológico de Cristal*. Penso em todas as mulheres dele à beira da fragilidade, e os miúdos que estão presos nos quartos com elas.

### **Li que escrevias de manhã, antes de ires trabalhar para as marcas de Moda. Foi assim que o Shuggie foi escrito ao longo de 10 anos?**

Sim, e em Nova Iorque os dias eram longos. Não era o estilo de vida português (risos). Os dias começavam às 8 da manhã e acabávamos às nove da noite, e na moda nunca há conclusões, mal acabas de criar algo tens de inventar novamente outra coisa. Por isso arranjei tempo para escrever quando podia, às vezes era de manhã, ou quando ia no comboio. Adorava ir à China ver os fabricantes de roupa, porque aí ficava 16 horas no avião, onde podia pensar...Escrevi muito no avião.

### **Tu nunca foste uma vítima da Moda, daquelas pessoas que querem estar sempre ligadas e conectadas?**

Eu sempre fui uma vítima disso. No final da minha carreira na Moda havia uma hiperconectividade e ficava esgotado. Isso tira-te a ideia de contar histórias também. Quando cheguei à moda, os meus ídolos eram Alexander McQueen, John Galliano, Hussein Chalayan, Dries Van Noten. Eles faziam coisas com narrativas, quase teatro, havia uma história. Eram roupas que te queriam dizer algo. Agora a

atenção está focada para as marcas e para as celebridades. É como se a Moda tivesse perdido a arte de contar histórias.



Douglas Stuart, autor do livro 'Shuggie Bain'.Foto: D.R

**Há rumores na internet que apontam o realizador das *As Horas* e de *Billy Elliot*, Stephen Daldry, como responsável de uma série de televisão à volta de Shuggie Bain...**

Sim está confirmado, penso. Estamos em pré-desenvolvimento e eu vou escrever a série. Assinei como argumentista porque queria mostrar facetas diferentes nas personagens e contar a história de outra maneira. Só agora estou a perceber que vou ter de passar mais anos na companhia do Shuggie e da Agnes, há 12 anos que me acompanham.

**Trabalhavas num estúdio de Moda, com uma equipa, rodeado de pessoas...Agora que te tornaste escritor a tempo inteiro, como é voltar à solidão?**

(Risos) Eu nunca estou sozinho, estou rodeado das minhas personagens. Estou mesmo feliz por estar a escrever a tempo inteiro. Eu estou onde queria estar.

# Amor e miséria em "Shuggie Bain", uma ficção que reflete a infância do autor



Escritor Douglas Stuart, Foto: Manuel de Almeida/LUSA

**JN - 16 Setembro 2021 às 08:35**

**O romance de estreia de Douglas Stuart, "Shuggie Bain", que lhe valeu o Prémio Booker, traça a vida de um rapaz 'queer' e da sua mãe alcoólica, numa Glasgow pobre e violenta, que reflete a infância do próprio autor.**

O escritor escocês Douglas Stuart, 45 anos, designer de moda em Nova Iorque, onde vive há 20 anos, falou, em entrevista à agência Lusa, da sua infância passada no seio da classe operária de Glasgow, e marcada pela homofobia de que foi vítima, pelo alcoolismo da mãe e pela pobreza, um percurso semelhante ao da personagem do seu romance, mas que não faz deste um trabalho autobiográfico.

As primeiras páginas do livro, editado este mês em Portugal pela Alfaguara, apresentam Shuggie Bain, um jovem de 16 anos, que vive num pequeno quarto subalugado, frio e húmido, nos subúrbios da cidade escocesa de Glasgow e que trabalha na charcutaria de um supermercado.

O autor dá ao leitor a imagem de um jovem que vive à margem, para depois o transportar até à sua infância, passada nos anos 1980, na era pós-industrial, quando a outrora próspera cidade mineira sufoca sob as políticas da conservadora Margaret Thatcher, que lançaram milhares de famílias na miséria.

Filho mais novo de uma mãe solteira, "cruelmente abandonada" por um marido mulherengo e controlador, sem emprego e com três filhos para criar, cresce a ver a mãe afundar-se no alcoolismo e a gastar o dinheiro dos subsídios em bebida e tabaco, enquanto enfrenta o drama pessoal de ser vítima de 'bullying' por ser "diferente" dos outros rapazes, tentando desesperadamente encaixar-se, sem perceber o que os outros já tinham percebido, a sua homossexualidade.

Os filhos fazem o melhor que podem para cuidar de si e da mãe, mas gradualmente veem-se obrigados a abandonar a casa materna para tentar pelo menos escapar. Fica Shuggie Bain, o mais novo, que adora a mãe e não perde a esperança de a salvar.

Apesar das semelhanças com a sua própria vida, Douglas Stuart garante que este é um "trabalho de ficção", embora reconheça que cresceu em condições muito similares, e descreve o livro como uma "saga familiar", mas sobretudo "uma história de amor", de um filho pela mãe, que também é a busca por amor dessa mulher, Agnes.

"Cresci como o filho mais novo de uma mãe solteira que lutava para manter a família unida na Glasgow pós-industrial. A minha mãe sofreu de alcoolismo desde que tenho memória até morrer, quando eu tinha 16 anos. E eu era também um jovem 'queer', ou gay, na altura, a viver num lugar onde os homens tinham de ser mesmo homens. Então, quando escrevo sobre pobreza, ou alcoolismo ou solidão, escrevo da perspetiva de quem está dentro", contou à Lusa.

A dada altura do romance, Shuggie Bain encontra a mãe inconsciente na cama, vira-lhe a cabeça para que não asfixie com o próprio vômito e, antes de sair para a escola, deixa junto à cama três canecas: uma com água da torneira, para a garganta dorida, uma com leite, para sossegar o estômago, e uma com os restos da cerveja que reunira pela casa. "Sabia que essa seria a primeira caneca que a mãe procuraria, a que lhe sossegaria o pranto dos ossos".

Douglas Stuart acredita que todas as crianças filhas de adictos, a certa altura, tornam-se "o adulto da casa", mesmo sendo muito novos.

"Quando as pessoas sofrem de adição, a sociedade tende a afastá-las e virar-lhes as costas e há um enorme isolamento. Eu quis que os filhos de Agnes a

amassem profundamente e tentassem e quisessem salvá-la, mas claro que às vezes é impossível. A dependência de alguém não tem a ver com ninguém, nem com os filhos".

Por isso, no livro, as crianças acabam por se dar conta de uma inevitabilidade: "Até onde se vai para salvar a pessoa que mais se ama, antes de ter de se salvar a si próprio?", explicou.

Essa ideia é principalmente explorada no romance através do irmão de Shuggie, o segundo a abandonar a casa (depois da irmã mais velha), que mesmo antes de sair lhe diz: "A mãe nunca vai melhorar. Quando for a altura certa, tens de sair daqui. A única pessoa que podes salvar és tu".

Douglas Stuart diz que a razão por que o livro não deve ser lido como se cada cena fosse uma parte da sua vida é o aparecimento de todo um elenco de personagens, durante o processo da escrita, que "começaram a contar as suas histórias e a falar de Glasgow, sobre os seus próprios sonhos e esperanças e de como iriam sobreviver".

"Acho que esse é o gozo de escrever um romance sobre a classe trabalhadora, porque tanta gente atravessa o mesmo tipo de problemas ao mesmo tempo. Este livro é muitas vezes uma história sobre Glasgow, ela própria, e não apenas sobre esta única família no centro de tudo".

"Glasgow é a minha casa, a cidade que amo. Tentei recriar uma cidade que mudou e também um tempo que já não existe, foi essa saudade que me permitiu trabalhar neste livro durante dez anos. Mas embora Shuggie se passe em certas partes de Glasgow, Glasgow é uma cidade muito diversificada, tem muita riqueza, pessoas abastadas, tem algumas das universidades mais antigas do mundo, mas também tem uma classe trabalhadora muito forte, por isso, 'Shuggie' não fala da cidade como um todo, fala por comunidades da classe trabalhadora, muito específicas nos anos 1980".

A homofobia de que o escritor foi alvo na infância também está refletida em Shuggie, sozinho, sem amigos, maltratado, pelos colegas e vizinhos, devido à sua sensibilidade, forma de falar e de se mover.

"Quando eu era mais novo, a homofobia ou o isolamento de que fui alvo aconteceu muito cedo na minha vida. Eu tinha à volta de sete anos e os outros rapazes é que apontavam o facto de eu ser diferente e, na verdade, eu não era assim tão diferente. Era talvez um pouco mais sensível mais sossegado. Isso tornou-se a minha infância, ou era vítima de 'bullying', ou era excluído, ou envolvido em lutas físicas, era sempre apontado como sendo um rapaz afeminado".

"Eu não tinha qualquer concepção sobre isso, aos 6 ou 7 anos não se tem noção de género ou de sexo, mas eles, com certeza, conseguiam ver que eu não era como eles, e isso realmente acompanhou-me durante a minha infância. Uma das coisas que quis retratar no livro é que as pessoas 'queer', naquela altura, cresciam a achar que havia algo de errado com elas que deveria ser corrigido, que deveria mudar".

Shuggie passa grande parte do livro a tentar aprender como andar e como ser como os outros rapazes, a tentar desenvolver interesse por futebol, para se sentir normal.

"Essa é uma parte doentia da homofobia, que faz as pessoas odiarem-se a si próprias", afirmou o escritor, confessando que se odiou, porque se sentia "incrivelmente errado como criança".

"Mesmo as pessoas que te amavam e que te queriam a salvo não sabiam como tratar as pessoas gay, não sabiam tratá-las como uma parte da sociedade ou com respeito, e o que mostro no livro é que, apesar de a família de Shuggie o adorar, continua a ter esperança de que ele mude e se torne um rapaz diferente".

O romance começou a ser escrito por uma compulsão nascida da necessidade de passar para o papel "histórias que queria contar, imagens que eram pensamentos".

"Quando comecei a escrever o livro, há dez anos, não me permitia admitir que estava a tentar escrever um livro, porque me sentia muito intimidado pela ideia de escrever uma coisa que eventualmente fosse grande, e tudo o que fiz foi sentar-me e escrever".

Escreveu capítulos como se fossem contos ou 'vignettes' sem qualquer noção de querer torná-los algo maior, só muito mais tarde é que pensou "Oh, isto é um livro".

Stuart admite que na infância não tinha quaisquer livros em casa, "o que não era invulgar naquela altura e naquele sítio", o que não quer dizer que não fosse curioso e não soubesse contar uma história, porque "há uma forte tradição oral muito antiga na Escócia e na Irlanda".

A ideia de querer ser escritor só apareceu a partir dos 30 anos, e durante muito tempo "uma das coisas mais difíceis de fazer foi ultrapassar esses sentimentos de inferioridade, o sentimento de 'quem sou eu para escrever um livro?'" , confessou.

"Enquanto trabalhava em 'Shuggie Bain', não disse a ninguém, não disse à minha família, a nenhum dos meus amigos, e a única pessoa que sabia que

eu estava a escrever um livro era o meu marido [Michael Cary, curador de arte], porque me via, sentado num canto a escrever. Mas eu tinha tanto medo de ser julgado pelas pessoas, que sentia que este era um projeto pessoal, só para mim".

Hoje em dia, a cidade de Glasgow tem um mural dedicado a "Shuggie Bain", o que é "um lindo tributo, considerando que Glasgow é a cidade que inspirou as palavras do livro e que essas palavras agora estão projetadas na cidade. É um enorme mural de 24 metros de comprimento, num dos mais famosos edifícios da cidade, portanto já não me sinto tão ansioso".

Após a rejeição inicial de 44 editoras, o livro acabou por ser publicado pela Pan MacMillan e arrecadou um dos mais prestigiados prémios literários em língua inglesa, o Prémio Booker. Na altura, Douglas Stuart já tinha terminado o seu segundo romance, "Young Mungo", que será lançado em abril de 2022, o que o livrou de escrever sob a pressão de corresponder à expectativa criada por um prémio, contou.

Trata-se de um romance que temporalmente recupera a época em que termina "Shuggie Bain", em 1992, e explora a paixão entre dois jovens -- Mungo e James -, também no meio masculinizado e da classe trabalhadora de Glasgow.

Para já os dois livros formam um "díptico", mas o autor planeia fazer uma trilogia centrada em Glasgow. "Depois saio e volto para Nova Iorque".

# Crítica de *Shuggie Bain* por Douglas Stuart - estreia ágil e reveladora

Este romance de partir o coração ambientado em Glasgow dos anos 1980 está merecidamente na longa lista do Booker e pode até mesmo dar a Mantel uma corrida pelo seu dinheiro



Breadalbane Street, Glasgow, em 1981. Fotografia: SZ Photo / amw / Bridgeman Images

[Alex Preston](#)

[Dom, 9 de agosto de 2020, 05.30 BST – THE GUARDIAN](#)

**U**ma das várias surpresas em uma [lista longa](#) e tendenciosa de [Booker](#) foi

o número de autores de estreia selecionados - oito dos 13 romances são de estreantes, a maior parte nos 51 anos de história do prêmio. Também aumentou a suspeita de que nove dos livros são de americanos. Douglas Stuart, autor da longa lista de estreia *Shuggie Bain*, pode ter um passaporte americano, mas seu romance é resoluta e maravilhosamente escocês no coração. Li o livro pela primeira vez como parte do processo de seleção para o *Observer's Annual* em janeiro, antecipado para os melhores primeiros romances do ano. Ele cantou naquela época e voltar a ele agora foi uma delícia. Raramente um romance de estreia estabelece seu mundo com tanta firmeza, e a prosa de Stuart é ágil, lírica e cheia de percepções descritivas reveladoras. Este é um livro memorável sobre família, violência e sexualidade, e poderia até mesmo dar a Dame Hilary uma corrida para seu dinheiro quando se trata das batidas finais do Booker em outubro.

Embora Hugh “Shuggie” Bain possa dar seu nome ao título do livro, é muito mais sobre a mãe de Shuggie, Agnes, e suas tentativas danificadas e condenadas de ser esposa e mãe em meio à brutalidade encharcada de álcool de Glasgow na década de 1980. O romance começa no início da década de 1990, com Shuggie, ainda adolescente, perdendo a vida sozinha em um quarto, sonhando em ir para a faculdade de cabeleireiro enquanto trabalhava em uma lanchonete encardida de supermercado. Então, voltamos uma década, até 1981, quando Shuggie é apenas um menino e mora em um apartamento com os avós, seu irmão mais velho, “Leek”, sua irmã, Catherine, e sua mãe. Seu pai, Doci Grande, é taxista e protestante (a família de Agnes é católica). É um homem lisonjeiro, charmoso, violento: “aos poucos perdendo a aparência, mas ainda mandava, magnético”.

*Stuart é brilhante na vergonha da pobreza e dolorosamente bom na infância e na crescente percepção de Shuggie da sua alteridade*

Agnes é atraída com uma simpatia extraordinária: ela simplesmente salta da página enquanto faz malabarismos com a maternidade, um marido violento e mulherengo e seus próprios demônios, a bebida em primeiro lugar entre eles. Ela é perturbada, adorável, vulnerável e resiliente, com ambições para seus filhos e uma memória vívida e dolorosa do que era ser jovem, dançar, ser amada. Com Big Shug dormindo de dia e dirigindo seu táxi à noite em viagens que são tanto para coçar sua coceira sexual quanto para ganhar a vida, Agnes e seu filho mais novo são jogados juntos, formando um vínculo forte e complexo. Desde uma cena inicial, quando, bêbada, ela abraça Shuggie enquanto o quarto em que estão queimando ao redor deles, entendemos que o destino de Shuggie dependerá dos impulsos autodestrutivos de sua mãe e de sua batalha para superá-los.

Este é um romance profundamente político, sobre o impacto do thatcherismo na sociedade de Glaswegian, que se tornou um lugar de “homens apodrecendo no sofá por falta de trabalho decente”. É brilhante na vergonha da pobreza e nas pequenas e necessárias dignidades que mantêm as pessoas em movimento. É dolorosamente bom para a infância e para a crescente percepção de Shuggie da sua alteridade, de não ser o mesmo que os outros meninos da propriedade. À medida que ele cresce e Agnes afunda, há uma sensação de inevitabilidade na história, mas isso não a torna previsível; em vez disso, o leitor é agarrado, esperando desesperadamente que o menino e sua mãe se libertem das armadilhas gêmeas da pobreza e do alcoolismo.

Ler *Shuggie Bain* envolve uma espécie de arqueologia, vasculhando os escombros das vidas apresentadas para encontrar joias de consolo, breves momentos sublimes em que os personagens escapam dos laços de sua existência miserável. O fato de o livro nunca ser sombrio ou piegas, não obstante o seu assunto, é devido à vida animada de seus dois personagens principais, o coração e a humanidade com que são descritos. Douglas Stuart escreveu um primeiro romance de rara e duradoura beleza.